

Editorial

DOI: 10.5965/1984724622492021001

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724622492021001>

Em suma, estamos, nessa nova época, diante não apenas de uma natureza 'que deve ser protegida' contra os danos causados pelos homens, mas também de uma natureza capaz de incomodar, de uma vez por todas, nossos saberes e nossas vidas. (STENGERS, 2015, p. 14, grifo do autor)

Em julho de 2018, eu conheci São Luiz do Paraitinga, em São Paulo. Caminhando por suas ladeiras, aquela cidade me confundia. Era preciso intrometer o olhar, procurar uma pista ou uma placa para compreender se a edificação que meu olhar destreinado observava era "original" ou uma "autêntica cópia". Em janeiro de 2010, boa parte do patrimônio arquitetônico da cidade foi destruída ou danificada pela maior enchente de que se tem registro na história local. A lembrança dessa viagem foi imediatamente evocada quando me deparei com o dossiê "Patrimônio e resiliência: perspectivas frente às mudanças climáticas", que apresentamos aos leitores e leitoras da Revista PerCursos na presente edição, organizado por Aline Carvalho (Universidade Estadual de Campinas) e Luana Cristina da Silva Campos (Secretária do Comitê sobre Mudanças Climáticas do ICOMOS-BR).

Um fato curioso é que o relatório para o tombamento nacional da cidade havia sido realizado um ano antes desse grande desastre, em 2009, mas o tombamento, de fato, veio a se efetuar posteriormente, no final do ano de 2010, contemplando as dimensões histórico-arquitetônica, urbanística e paisagística do centro histórico e seu entorno. O conjunto estava tombado, porém destruído.

O sentimento de perda encontrava uma imagem coletiva na ausência da Igreja Matriz, grande edificação datada do século XIX localizada em frente à praça central da cidade, que ruiu completamente com a enchente. O sino da Igreja de São Luiz de Tolosa

foi encontrado nos escombros, e voltou a badalar, enquanto a réplica da edificação era construída, atendendo à vontade dos moradores. A montagem do canteiro de obras contou com a construção de duas torres estruturadas em metal, que, embora fantasmagóricas, preenchem incrivelmente o espaço de memória e de esperança.

Não é com o intuito de valorizar um patrimônio material e religioso que trago à tona essa história e essa imagem, tampouco com o objetivo de conjecturar se a "grande enchente" está relacionada com mudanças climáticas. É certo que a abordagem teórica sobre o patrimônio encontra-se hoje ampliada, envolvendo a imaterialidade, narrativas não hegemônicas, paisagens e sítios. Também acredito que a reflexão sobre a resiliência do patrimônio diante dos muitos eventos socioambientais extremos que vivemos é tão importante quanto o questionamento sobre a legitimidade deste, ou seja, sobre quais valores, histórias e memórias representa. Recorro a esse exemplo pois, creio que demonstre com precisão a contradição dialética envolvida em qualquer estudo relativo ao campo patrimonial entre os pares tempo/espço, materialidade/imaterialidade, forma/significado, preservação/destruição, memória/esquecimento, natureza/sociedade que os nove artigos que compõem o dossiê tocam e exploram. De fato, o esforço de reconstrução de uma cidade inteira para onde, pessoas como eu, viajam 500 quilômetros para conhecer, demonstra que o patrimônio ainda tem algo a dizer. Para um primeiro contato com os artigos, sugiro a leitura da Apresentação do Dossiê, cuidadosamente escrita pelas organizadoras.

Oportunamente acompanhando este dossiê, a presente edição contempla também a resenha do livro "História ambiental: configurações do humano e tessituras teórico-metodológicas", escrita por Elton Rigotto Genari, doutorando em História pela UNICAMP. O livro foi publicado em 2020 pela Associação Nacional de História (ANPUH) e organizado por Ilyane do Rocio Kmitta, Tânia Zimmermann e Suzana Arakaki – docentes do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma coletânea de contribuições teórico-metodológicas sobre a História Ambiental pensada para um público amplo, especialmente de estudantes e professores. Segundo conclui brilhantemente o autor da resenha:

Ao longo da coletânea, fica claro o caráter político não apenas da “questão ambiental”, mas da própria forma de estabelecer e pensar esse debate. Essas reflexões nos permitem um melhor preparo para encarar os desafios contemporâneos, que giram inelutavelmente em torno do combate a um modo de produção – o capitalista – que tem como maior produto uma miríade de hecatombes. As provocações nos capítulos convidam a pensar comunidades como pertencentes ao meio ambiente, e esse como parte inerente da sociedade. E, assim, ajudam a pensar “natureza” como uma tecnologia – e campo de disputa – humana. (GENARI, 2021)

Cinco artigos de demanda contínua acompanham esta edição, e, assim como no dossiê, a interdisciplinaridade que marca a identidade da Revista Percursos está presente, congregando campos como a história, a filosofia, a psicologia, a geografia. A pandemia e suas consequências dão o tom de boa parte desses artigos. Hilário Figueiredo Pereira Filho (IPHAN) e Luana Xavier Ottoline (UFRJ), no artigo "Covid-19: memórias e acervos em construção", apresentam uma seleção de iniciativas que buscam registrar a produção de narrativas e memórias sobre as experiências proporcionadas pela pandemia com o intuito de aprofundar os debates sobre direito à memória, acesso aos arquivos como prática democrática e construção plural de representações sobre o presente.

No artigo "Por uma ética da alteridade em tempos de pandemia", Jackson Luís Santos de Vargas (PUCRS) e José Luís Schifino Ferraro (PUCRS) abordam o pensamento contraditório em relação às medidas de isolamento social no Brasil à luz da filosofia de Emmanuel Levinas, destacando a ética da alteridade como filosofia primeira para o enfrentamento desta crise sanitária. No artigo "Corpo, cidade e lugar: mapeamentos e espaços híbridos", Angela Gomes de Souza (UFES) e Gisele Girardi (UFES) refletem sobre a experiência geográfica de deslocamento na pandemia, que modificou profundamente nossas relações físicas, culturais e corporais com a cidade. O quarto artigo do grupo de demanda contínua é de autoria de Joyce Duailibe Laignier Barbosa Santos (UFT), Stéfanie Rhoden Gregório (UFT) e Carlos Mendes Rosa (UFT), intitula-se "A solidão na contemporaneidade: uma reflexão sobre as relações sociais" e discute os afetos na sociedade contemporânea, especialmente a solidão. No artigo "Paralelos e paradoxos entre serviços públicos europeu e brasileiro: transição neoliberal e exclusão", Regerson

Franklin dos Santos (UFGD) e Aduino de Oliveira Souza (UFGD) buscam compreender os serviços públicos da dialética entre Estado e Mercado no tempo da transição neoliberal iniciada na década de 1970.

Por fim, além de agradecer imensamente às organizadoras do dossiê e a todos os autores e todas as autoras dos trabalhos aqui apresentados, agradeço especialmente aos pareceristas que com atenção deram sua contribuição ao avanço coletivo da ciência a cada parecer neste espaço comum que busca ser a Revista PerCursos. Minha gratidão também aos servidores técnicos que compõem nossa Produção Editorial, em especial a Darli Damian da Silva, cujo trabalho é imprescindível para a existência da PerCursos. E, aos leitores, desejo uma ótima viagem por nossas páginas!

Referência

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PERCURSOS. Florianópolis: UDESC, v. 22, n. 49, maio/ago. 2021.

Renata Rogowski Pozzo
Editora

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Revista PerCursos
Volume 22 - Número 49 - Ano 2021
revistapercursos@gmail.com